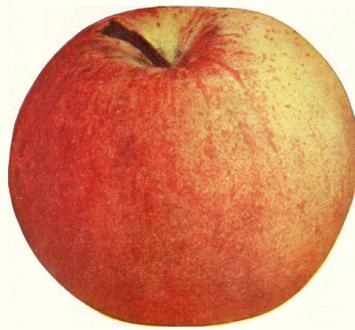


# O tempo dos professores



LUÍS GROSSO CORREIA

RUTH LEÃO

SARA POÇAS

(ORG.)

Título  
**O Tempo dos Professores**

Organizadores  
**Luís Grosso Correia, Ruth Capela Leão e Sara Poças**

Editor  
**CIIE - Centro de Investigação e intervenção Educativas (CIIE)**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP)**

Capas  
**Linnea Lidegran**

ISBN:  
**978-989-8471-26-0**  
dezembro | 2017

Suporte:  
**Eletrónico**

**Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/CED/00167/2013 do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE).**



**Todo o conteúdo desta publicação, exceto onde esteja identificado, está licenciado sob uma Licença Creative Commons.**

**A expressão escrita dos textos é da exclusiva responsabilidade dos autores.**

# Índice

<b>Agradecimentos</b>	9
<b>Apresentação</b>	13
<b>Nota de Abertura</b>	
<i>Presente e futuro da profissão docente</i> Lurdes Figueiral	17
<b>I. História(s), cultura(s) e identidade(s) profissional(ais)</b>	21
<i>Memórias dos anos de formação de uma professora portuense na década de 1920</i> José António Afonso	23
<i>Receção(ões) e leituras da obra de António Nóvoa na formação de professores em Portugal</i> António G. Ferreira, Luís Mota; Carla Vilhena	45
<i>Ser professor: os desafios que se colocam hoje nas escolas</i> Luísa Santos, Ariana Cosme	57
<i>A reconstrução da identidade profissional em comunidades de prática</i> Inês Teixeira, Paula Batista, Amândio Graça	71
<i>Um estilo de ensinar, passeante, peripatético e convivente</i> Maria Adriana Sousa Carvalho	89
<i>Contextos não escolares na formação inicial de educadores e professores: o caso da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich</i> Elisabete X. Gomes	103
<i>Ser professor numa escola diferente: as representações dos/as educadores/as da Cooperativa A Torre sobre a profissão, a escola e as práticas educativas</i> Joaquim Pintassilgo, Alda Namora	119
<i>Um tempo de expectativa e de renovação: a instalação da Escola Normal Primária de Lisboa, em Benfica (1916-1930)</i> Nuno M. Ferreira	131
<i>Ser Professor Waldorf</i> Raquel Pereira Henriques	147
<i>A path to become an expert. Professionalization and teacher training in Romania during the second half of the 19th century</i> Ramona Caramelea	163
<b>II. Formação, avaliação e desenvolvimento profissional</b>	173
<i>A formação de Professores do Futuro em Angola da ONGD Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP): 1995-2015</i> Celestina Silepo,	175
<i>Reflexões sobre as funções e competências do supervisor de estágio: uma experiência da Universidade Pedagógica em Moçambique</i> Lúcia S. Simbine, Ana Paula L. A. Camuendo,	191
<i>Formação de professores de História: o estágio supervisionado da Universidade Federal da Fronteira Sul e da Universidade do Minho</i> Halfred Ribeiro Júnior, Glória Solé	203
<i>Formação docente e o perfil dos estudantes das licenciaturas: perspectivas profissionais e aprendizagens a partir da disciplina Políticas e Gestão da Educação Básica</i> Luciana Cordeiro Limeira, Ranilce Guimarães, Ivonete Ferreira de Sousa, Aline Veiga Santos	217
<i>Metodologias ativas: desafios planeados para mobilizar as competências desejadas no ensino e aprendizagem em um curso de bacharelado em enfermagem</i>	235

Cláudia Flores Rodrigues, Michela Regina Scherer Vieira, Camila Vieira Silva <i>Trabalho do professor no Brasil: um estudo teórico sobre a avaliação docente e as suas perspectivas.</i>	245
Izabel Matos de Aguiar Silva <i>Perspectivas sobre a avaliação do desempenho docente no Estado do Pará, Brasil. Estudo em busca de indicadores para um quadro referencial de avaliação, através da percepção dos professores</i>	257
Izabel Matos de Aguiar Silva, Isabel José Botas Bruno Fialho <i>Formação de professores e profissionais que atuam com atendimento de adolescentes em privação de liberdade: relato de experiência</i>	267
Maria Nilvane Zanella, Belmiro Gil Cabrito, Angela M. Barros Lara <i>Inclusão social pela via da inclusão digital na formação inicial de professores em educação do campo na UFG, RC-Brasil</i>	283
Maria Paulina de Assis, Elis Regina da Costa, Wender Faleiro <i>Caminhos entrelaçados entre Brasil e Cuba na formação de professores do campo</i>	299
Wender Faleiro, Lídice Mesa Gómez, Magno Nunes Farias <i>A construção da identidade profissional em contexto de estágio profissional: Reflexões de uma estudante-estagiária de Educação Física</i>	319
Ana Rita Pacheco, Mariana Cunha, Paula Batista <i>Cartografia dos saberes e práticas docentes da educação para a saúde: diabetes Mellitus no contexto escolar</i>	333
Ronaldo Silva, Tiago Venturi, Graça Simões de Carvalho <i>A formação do professor de Administração para a educação profissional técnica: um estudo narrativo sobre a constituição da docência</i>	341
Patrícia P. Ramos, Cristhianny B. Barreiro <i>Articulação entre contextos formativos e processos de supervisão em Prática Educativa Supervisionada: a perspectiva de professores e educadores em formação</i>	355
Pedro Duarte, Bernardo Canha <i>A percepção de (in)disciplina em contexto escolar ao longo da carreira docente</i>	373
Elsa Ribeiro-Silva, Guilherme Monteiro <i>Intervir com e na diversidade para a prevenção da radicalização: percepções de professores de um Agrupamento de Escolas do Porto</i>	385
Preciosa Fernandes, Francisca Costa <i>Formação de professores. Um desafio constante</i>	397
Sandra Terezinha Urbanetz <i>A docência na constituição de um estilo pedagógico em esccriteiras</i>	409
Josimara W. Schwantz, Carla G. Rodrigues <i>Dimensões da centralidade do professor na efetivação da Educação do Campo</i>	423
Wagner A. Auarek, Floriano Viseu <i>A Prática Supervisionada e o Desenvolvimento Profissional dos Educadores/Professores Cooperantes: a simbiose de uma relação pedagógica</i>	435
G. Pereira, N. Fraga <i>Os desafios do professor no século XXI: competências profissionais e promoção de aprendizagem nos alunos</i>	453
Teresa Dias <i>Avaliação da prática docente</i>	457
Juliana S. Dias, Cassius G. Oliveira, Rafaela D. Barbosa <i>Avaliação de escolas inscrita no referencial racional burocrático e na narrativa da normalização: a macrorreferencialização da profissionalidade docente e o reforço da estrutura técnico burocrática da escola</i>	469
Henrique M. P. Ramalho <i>Centro de Treino de Natação: Núcleo de formação em exercício da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto</i>	485

A. Aléxia Fernandes, Ana S. Monteiro, Ricardo J. Fernandes	
<i>A formação do professor de 1.º CEB: como articular conteúdos de Português e de Estudo do Meio?</i>	499
Ana S. Lopes, Celda Choupina, Sara Monteiro	
<i>Adequacy of bioinformatics tools to elementary and secondary school curricula: a training course for teachers</i>	
Ana Martins, Leonor Lencastre, Fernando Tavares	515
<b>III. Curricula, inovação, contextos, práticas e ambientes de ensino-aprendizagem</b>	<b>523</b>
<i>A construção do conhecimento na educação de infância</i>	525
Ana Isabel Gouveia, Nuno Fraga	
<i>Uma proposta sobre desigualdade de género: até que ponto conhecemos o curriculum?</i>	541
Florabela Samagaio	
<i>O tempo do professor: a relevância de dedicar um tempo às discussões de género e étnico-raciais na formação e na sala de aula</i>	557
Ruth Pavan	
<i>Farewell to ex-cathedra lectures: redefining the role of teachers in the Flipped Classroom</i>	569
Amel Meziane-Fourati	
<i>Flipped classroom: estratégia de aprendizagem que promova o envolvimento do aluno para aprender</i>	577
Sandra Emília Barros de Sousa, José Luís Pires Ramos	
<i>A música como estratégia de intervenção pedagógica</i>	593
Márcia Amaral, Irene C. Costa	
<i>Educação permanente em saúde: práticas inovadoras em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem</i>	609
Paulo J. de O. Carvalho	
<i>O ensino de valores éticos na educação infantil: a literatura infantil como “prática” mediadora</i>	619
Zênia R. dos Santos Barbosa, Maria E. da S. Santos Santos, Sheyla M. F. Macedo, Kaiza M. A. Oliveira	
<i>As ideias tácitas dos alunos de 2º Ciclo do Ensino Básico sobre a questão dos “retornados” da África Portuguesa</i>	633
Isilda B. C. Monteiro, Ana Raquel Serafim, Isabel Carneiro, Joana Oliveira, Sandra Campos	
<i>Os “retornados” da África Portuguesa entre a Memória e a História? contextos e práticas pedagógicas em sala de aula no 2º Ciclo do Ensino Básico: estudo de caso</i>	641
Isilda B. C. Monteiro, Fernanda P. S. Maia	
<i>Audioguia: uma fonte de conhecimento, expressão e comunicação</i>	651
Ana Castro, Ciliana Pinheira, Filipa Freitas, Maria J. Fernando, Irene C. Costa, Roberto M. Mercado	
<i>Análise qualitativa das situações-problema utilizadas na formação superior em Fonoaudiologia, Brasil</i>	665
Roxane A. Irineu, Raphaela B. Guedes-Granzotti, Bárbara C. S. Rosa, Francielle V. Costa, Tatiane L. Souza, Carla P. H. A. R. César	
<i>Dificuldades de aprendizagem e os desafios para os professores de língua estrangeira</i>	675
Hurrydeo Beefun	
<i>A transversalidade das aprendizagens de História em Angola segundo a voz dos professores</i>	687
Rebeca Helena André	
<i>Mudanças curriculares em História e Geografia: paradigma, modelos e prática</i>	705
Maria Raquel L. T. Magalhães	
<i>Os professores do ensino básico nas aulas de história de Portugal. Análise dos resultados de uma entrevista</i>	721
Ana I. Moreira, Xosé A. Castro	
<i>A prática pedagógica no processo da formação de professores de natação</i>	735
Ana S. Monteiro, Aléxia Fernandes, Susana Soares, Ricardo J. Fernandes	
<i>A perspectiva dos estudantes do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico sobre a Avaliação</i>	741
Maria do Carmo Duarte, Pedro Duarte	
<i>O currículo - categoria administrativa ou prática docente?</i>	759

Antônio Carlos Luz Correia	
<i>Encontros discursivos entre o currículo e a didática no debate sobre a formação docente</i>	777
Maria Angélica da Silva, Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida	
<i>Docência e investigação em Arte – biopolítica e a operação da criatividade artística e tecnológica na educação: o caso do perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória</i>	787
Tiago B. Assis	
<i>Uma viagem coletiva num contexto de aprendizagem cooperativa</i>	795
Maria da Conceição S. C. Santos	
<i>Gêneros linguísticos discursivos: um factor de inclusão no ensino da Língua Portuguesa em Moçambique</i>	803
Paula Bambo	
<i>Para que serve a didática do Português?</i>	811
Ana Luísa Costa, Sónia Valente Rodrigues, Isabel Sebastião	
<i>A formação docente: mediando saberes para o sucesso escolar</i>	829
Zênia R. S. Barbosa, Sheyla M. F. Macedo	
<b>IV. Políticas educativas, organização escolar e profissionalidade docente</b>	<b>841</b>
<i>Estado, movimentos sociais e educação</i>	843
Admário Luiz de Almeida, Janaina Santana Costa	
<i>Políticas públicas e participação cidadã no Brasil: uma análise do governo de Pernambuco</i>	859
Ana Claudia Dantas Cavalcanti	
<i>A política de educação do campo no Estado do Paraná, Brasil</i>	875
Eline G. O. Zioli, Elisa Y. Ichikawa	
<i>As tecnologias em espaços e contextos de aprendizagem: a Unidade de Tecnologia - UTEC e seu foco na comunidade do Recife/Brasil</i>	889
Ana C. Cavalcanti, Jurema I. Carmo	
<i>Formação contínua e a dimensão pessoal da profissionalidade docente</i>	905
Simone S.F. Nascimento	
<i>Evasão escolar: uma problemática de um curso técnico de nível médio do IFSP - Campus Boituva</i>	923
Alice A. Dondoni Neta, Lúcia Villas Bôas	
<i>Políticas de valorização do magistério: o caso do Piso Salarial Profissional Nacional (Lei nº 11.738/2008) na rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, Brasil</i>	931
Amilka D. Lima Melo Dias, Belmiro Gil Cabrito	
<i>Os professores deputados no Estado Novo</i>	945
Teresa Maria Novais Moreira	
<i>A profissão docente no âmbito do ensino técnico integrado no Brasil e ensino profissional tecnológico em Portugal</i>	963
Christhianny B. Barreiro, Maria J. Mogarro	
<i>A formação de professores do ensino pré-escolar, básico e secundário no ensino superior em Portugal: do Processo de Bolonha à atualidade</i>	973
Madalena Fonseca, Rita Friães	
<i>Da colegialidade à unipessoalidade: o que dizem os atores educativos</i>	1001
Maria João de Carvalho	
<b>V. Ensino Superior e Língua Gestual</b>	<b>1009</b>
<i>El tiempo de las profesoras universitarias (España, siglo XX). Apuntes universitarias</i>	1011
Jean-Louis Guereña	
<i>Repercussões do Processo de Bolonha nas universidades portuguesas: o que dizem os estudos e os professores?</i>	1025

Cláudia Aleixo Alves, Emília Vilarinho, Zenólia Christina Campos Figueiredo <i>Educação inclusiva no Ensino Superior: percepção dos docentes e dos estudantes com NEE</i> Ana C. Silva, Ana Pinheiro	1041
<i>Avaliação curricular na educação superior</i> Juliana S. Dias, Cassius G. Oliveira, Rafaela D. Barbosa	1057
<i>Desenvolvimento profissional docente à luz das inovações curriculares e pedagógicas: desafios para o assessoramento pedagógico universitário</i> Amanda R. C. Xavier, Carlinda Leite, Maria Antonia R. Azevedo, Lígia B. Z. Carrasco	1069
<i>A interface entre o processo formativo docente e a prática de ensino de Língua Gestual Portuguesa</i> Andréa Pereira Silveira, Orquídea Coelho, Ivany Pinto Nascimento	1085
<i>Língua Brasileira de Sinais e professores: relações entre língua gestual e docência na inclusão escolar de surdos</i> Pedro H. Witches	1101
<i>Educação inclusiva de surdos: o tempo dos professores</i> Joaquim Melro	1111
<b>Nota Final</b> <i>O tempo dos professores, hoje</i> António Nóvoa	1133

*Memórias dos anos de formação de uma professora portuense na década de 1920***José António Afonso\***

## Resumo

Júlia do Sacramento Ferreira da Cunha, jovem portuense, nascida em 1901, ingressa, nos anos 1920, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se em Filologia Românica, com a apresentação, em 1923, da dissertação *Relações de Filinto Elísio com as duas irmãs, reclusas de Chelas*. A partir do ano letivo 1930-31, inicia a sua carreira profissional, na cidade do Porto, como professora provisória na Escola Comercial Mouzinho da Silveira e no Liceu Nacional Carolina Michaelis; em 1934-35 é professora agregada nas Escolas Comerciais Mouzinho da Silveira e Oliveira Martins, onde em 1945-46, passa a professora efetiva até ao ano de 1947-48. De 1948-49 até 1970-71, leciona na Escola Comercial de Filipa de Vilhena, jubilandando-se em Março de 1971. Júlia Cunha também é autora de manuais escolares para o Ensino Técnico de Francês, conjuntamente com Margarida Duarte Costa, e de Português, em parceria com Helena Lousada e Pedro Homem de Mello. Faleceu em 1985.

Esta é provavelmente uma trajetória bastante estimulante, mas interessa-nos contextualizar o período de formação de Júlia Cunha destacando, por um lado, a singular afinidade estabelecida com um dos seus professores, Teófilo Braga, e, por outro lado, como, com extrema empatia, imerge nas redes de sociabilidade do seu “único Mestre espiritual”, contribuindo assim na edificação de uma memória pública – como seja a constante participação nas homenagens prestadas em vida e após o falecimento de Teófilo Braga – e, em simultâneo, construiu um espaço privado de memória, onde com descrição cultivou o mistério da intimidade dos destinos entrelaçados, reiterando a dignificação de quem “dirigiu intelectualmente o seu espírito no caminho das letras”.

*Palavras-chave:* Professor; discípula; memória; formação; sociabilidade.

*Memories of the formative years of a Porto teacher in the 1920s*

## Abstract:

Júlia do Sacramento Ferreira da Cunha, young Porto, born in 1901, she joined the Faculty of Letters of the University of Lisbon in the 1920s, graduating in Romance Philology, with the presentation, in 1923, of the dissertation *Relações de Filinto Elísio com as duas irmãs, reclusas de Chelas*. From the academic year 1930-31, he began his professional career, in the city of Porto, as a provisional teacher in the Mouzinho da Silveira Commercial School and in the Carolina Michaelis National High School; in 1934-35 she is an associate professor at the Mouzinho da Silveira and Oliveira Martins Commercial Schools, where in 1945-46, she became an effective teacher until the year 1947-48. From 1948-49 to 1970-71, he taught at the Commercial School of Filipa de Vilhena, retiring in March 1971. Júlia Cunha is also the author of school textbooks for the Technical Teaching of

---

\* Instituto de Educação / CIEd – Universidade do Minho

French, together with Margarida Duarte Costa, and Portuguese, in partnership with Helena Lousada and Pedro Homem de Mello. He died in 1985.

This is probably a very stimulating trajectory, but it is important to contextualize the period of formation of Júlia Cunha highlighting, on the one hand, the singular affinity established with one of its teachers, Teófilo Braga, and, on the other hand, how, with extreme empathy, she immerses himself in the networks of sociability of his "only spiritual Master", thus contributing to the building of a public memory – such as the constant participation in the tributes offered in life and after the death of Teófilo Braga – and, at the same time, constructed a private space of memory, where with description he cultivated the mystery of the intimacy of interlaced destinies, reiterating the dignity of those who "intellectually directed their spirit in the path of letters".

*Key words:* Teacher; disciple; memory; formation; sociability.

### **Introdução**

Em Julho de 1959, Júlia Cunha escreve ao advogado coimbrão, Humberto Araújo, expressando a sua enorme gratidão pelos artigos, publicados n' *O Comércio do Porto*, sobre Teófilo Braga, e, intensificando a sua satisfação, sublinha: "Vi, por eles, que ainda há alguém que aprecie e estime o Mestre e grande Amigo da minha mocidade". Expõe, em seguida, a razão da missiva: "Fui talvez, a sua última aluna e dele tenho provas da mais pura afeição" – continuando a sua evocação, afirma – "A sensibilidade não estava embotada nem gasta naquele velhinho de oitenta anos."

Passados trinta e nove anos dessa improvável amizade, a professora Júlia Cunha, num tom melancólico elucida: "Tenho vivido anonimamente algumas das suas comemorações e só dentro de mim, tenho-lhe prestado a respetiva homenagem." Manifesta a firme vontade de "um dia em que possa descascar da luta pela vida, junte alguns materiais para melhor lembrar o querido Mestre." Na parte final da carta tece um louvor a Humberto Araújo pela "erudição e imparcialidade" com que escreveu os artigos, lançando-lhe o enigmático apelo para que o "meu nome continue a ser para si o de uma desconhecida."

O advogado responde-lhe a 13 do mesmo mês, agradecendo "a carta gentilíssima" e as "generosas palavras", manifestando-lhe o contentamento por "ter encontrado uma 'devota' do inolvidável Mestre", enaltecendo o facto de "ter sido aluna" de Teófilo Braga, que – como reverbera o advogado – "foi um Homem extraordinário, que, só por si, valeu uma geração." Tece, ainda, secas considerações sobre o aviltamento do "génio e talento" (naturalmente de Teófilo Braga) num país de "pequenez de espírito, e termina a sua resposta revertendo que "não pretende" ser, para Júlia Cunha, um "desconhecido".

Esta carta da portuense Júlia do Sacramento Ferreira da Cunha (1901-1985) é significativa, porque da sua passagem, na década de 1920, como aluna da republicana Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa<sup>1</sup>, onde se licenciou em Filologia Românica, retêm a relação de amizade com Teófilo Braga (Ponta Delgada, 1834-Lisboa, 1924). Uma amizade de senectude para o decano da Faculdade de Letras; uma amizade de adolescência para a jovem portuense.



Figura 1- Júlia Cunha em 1927. Fonte: ASCR-CQ.

A dignidade e o respeito entrelaçou as duas trajetórias biográficas, de texturas temporais de sobremaneira complexas e fascinantes, e, singelamente, distintas. A experiência da vida na universidade, de Júlia Cunha, é pautada pela intensidade da relação estabelecida com Teófilo Braga, e a memória desses velozes anos, está registada em documentos autobiográficos – escritos autógrafos e objetos (fotografias, livros, revistas) – que desvendam o quotidiano vivido, coligidos pela própria, presumidamente, durante a década de 1970, conforme já tinha pressagiado na carta de 1959. Este Arquivo pessoal foi doado ao Arquivo dos Amigos do Solar Condes de Resende – Confraria Queirosiana, constituindo o “Núcleo documental Teófilo Braga coligido pela sua aluna Júlia Cunha” (identificado ao longo do texto pelo acrónimo ASCR-CQ). Infelizmente, por desconhecidas contingências, pensamos que não incorpora todas as fontes que autorizem reconstruir esses anos lisboetas. Contudo, os documentos que sobreviveram, resistindo a desaparecer, permitem estabelecer aproximações a esse instante de intensidade e autenticidade crescentes. No Arquivo reúnem-se textos, autógrafos, cartas manuscritas enviadas (rascunhos ou

---

<sup>1</sup> Ver, sobre o Curso Superior de Letras, Nascimento (2013) e, para a Faculdade de Letras, no período republicano, Gonçalves (2008, pp. 22 sq., pp. 76 sq. e p. 130) e Tavares (2009, pp. 16 sq. e pp. 37 sq.).

cópias) e recebidas, relatos, notas, livros, revistas, circulares, fotografias, recortes de jornais, desenhos, convites, entre outros impressos, que patenteiam dois tempos primordiais: o primeiro, propriamente, o do encontro com Teófilo Braga e de transição para a incisiva fidelidade para com uma história de vida exemplar; o segundo declina-se na dimensão da memória desses anos de convivência e da sua reiteração, encontrando materialidade, nomeadamente, na coleta de todo o tipo de informação escrita sobre Teófilo Braga; é um tempo pautado pelo existencial e administrado em segredo e obscuridade (como Júlia Cunha o substantiva na missiva a Humberto Araújo). Selecionamos do Arquivo, para os propósitos desta reflexão, os objetos que nos facilitem deslindar os seus anos de formação, em Lisboa.

### **Uma memória do primeiro ano como estudante universitária**

Júlia Cunha anotou, em discurso direto, no escrito intitulado “Fragmentos de Um Diário. Dr. Teófilo Braga”<sup>2</sup>, o dia em que a “aluna portuense” foi apresentada a Teófilo Braga. Com um misto de ingenuidade e ousadia juvenis, Júlia Cunha desafia uma colega:

Como fui apresentada ao Dr. Teófilo Braga vou aproveitar, visto ele não ser nosso professor, e peço-lhe uma orientação para os nossos estudos expondo-lhe o plano deles e pedindo a sua opinião Tu aproveitas também, porque eu depois apresento-te. Achas bem?

Júlia Cunha regista que no encontro com Teófilo Braga, na Secretaria da Faculdade, lhe apresentou o seu “plano de estudos literários”, ressaltando a “máxima benevolência” e abertura que o Professor evidenciou, assentando no seu *Diário* :

Fui depois frequentemente assistir às suas aula e ele, reconhecendo as minhas tendências literárias, principiou a interessar-se por mim. Hoje [Julho de 1920] posso-o contar como o meu melhor amigo. Dedicou-me já muitos sonetos e ouve com prazer a leitura dos meus versos. Quer iniciar-me na carreira literária e posso dizer bem que é o meu único mestre espiritual. Depois de ele me ter dedicado dois sonetos, eu escrevi outros dois em agradecimento e li-lhos numa aula. Gostou tanto deles que me pediu pra lhos ler várias vezes fazendo-lhes sempre os maiores elogios.

Uma ocasional apresentação salda-se num vivo intercâmbio de pensamentos e sentimentos, como a jovem venceu no seu singelo *Diário*, tecido exclusivamente sobre o ano de 1920. A célere

---

<sup>2</sup> No ASCR-CQ, encontra-se uma cópia autógrafa, de Maio de 1976, com 4 fls, do original de “Fragmentos de um Diário – Dr. Teófilo Braga”.

afinidade, com Teófilo Braga, é polvilhada por gestos quotidianos de extrema cortesia, de ambas as partes, que iam desde a pronta solicitude de Júlia levar os óculos que constantemente Teófilo Braga esquecia em qualquer lugar, até à gentileza do ancião lhe “dar a sua direita”, ou de “a deixar passar em primeiro lugar”, ou, ainda, de “me arranjar cadeira”; mas, essa permuta eleva-se a níveis mais transcendentais, onde uma linguagem poética exprimia as infinitas coisas que os dois tinham para comunicar, que Júlia Cunha capta com muita empatia:

Eu nunca tinha suposto ou imaginado o prazer que ia dar àquele velhinho de 77 anos e por isso tive também uma verdadeira alegria espiritual. Quem ler os seus versos não acreditará que são de uma pessoa daquela idade, tão inspirados eles são e tão cheios de sentimento. Que alma de moço num corpo de velho! Que atividade intelectual, que memória ainda tão viva!

Assim, Júlia Cunha particulariza o reverencial reconhecimento com que Teófilo Braga brindava os seus sonetos: “ - Há-de dar-me uma cópia deles porque me hão-de acompanhar para toda a parte, são a minha oração e hei-de pedir que mos leiam quando estiver para morrer; são um assombro de beleza!...” – afirmava efusivo Teófilo Braga –, ou a límpida apologia dessa movimentada amizade que Teófilo Braga exulta: “ - Para a realização da minha obra eu precisava tê-la encontrado, necessitava de aquecer o meu espírito, de receber uma inspiração! Não calcula como eu agora me sinto reviver para a conclusão dos meus trabalhos.”

Júlia Cunha retribuí essas demonstrações, oferecendo-se para “lhe ler ou escrever qualquer coisa, visto ele estar impossibilitado de praticar qualquer desses atos, tão enfraquecido tem o órgão da visão”, anunciando, também, a inquebrantável confiança na palavra de Teófilo Braga, porque “conversava comigo sobre Arte, Literatura, Filosofia, Música; expunha-me o plano das suas obras, dava-me conselhos, enfim, coisas que para mim eram tão úteis quanto agradáveis”, concorrendo para o seu “desenvolvimento intelectual” e, conseqüentemente, “dirigir o espírito no caminho das letras.”

A permuta de sonetos era, portanto, a expressão lírica da “relação espiritual” gerada, na verdade, como escreveu Júlia Cunha, com um epílogo inaudito:

Particularmente dei-lhe um soneto feito por mim, soneto de que ele também muito gostou. Um dos versos em que lhe chamava “O poeta da minha mocidade”, aproveitou-o ele para começar um soneto que me dedicou. E enchem-me de prazer estas nossas relações espirituais!... Incansável trabalhador em quem a idade não desgastou ainda nem a inteligência, nem o espírito!...

Num tom coloquial, Júlia Cunha qualificava-o como “Meu querido mestre” – que, por vezes, assumia a sinédoque de Santo: “Eu venerava aquele homem que para mim é um Santo” – ao que Teófilo Braga retribuía com o adjetivo de Dileta, reconhecendo-a, explicitamente, como uma sua epígona, e com a generosa oferta de “muitos livros”<sup>3</sup>.

A intensidade do primeiro ano em Lisboa ficou patente no brevíssimo *Diário*, que reflete a vertigem de uma amizade, revelando, a sua escrita, o carácter autogenésico de uma profunda dimensão espiritual, cujo *mot juste* é Mestre.

### O ritmo dos anos de visibilidade

Com o decurso da sua aprendizagem académica, seguramente, reforçaram-se os vínculos intelectuais com o Mestre que não se ensimesmaram, pelo contrário, alargaram-se aos círculos de sociabilidade – ou “família teofiliana”, no interessante sintagma de Fran Pacheco (1924) –, confluindo nas públicas homenagens prestadas ao insigne Professor e Cidadão (duas em vida e uma após o seu passamento em 28 de Janeiro de 1924). No universo das colaborações femininas, Júlia Cunha é a única voz comum nas três solenidades (ver “Colaborações nas obras de homenagem a Teófilo Braga” em Apêndice), evidenciando a ligação que foi partilhando com um escol intelectual que cultivava a exemplaridade ética e moral de Teófilo Braga e dissemina, nomeadamente, o “carácter moderno” (e científico) do ensino da História da Literatura que o Professor protagonizou (Coelho, 1922, pp. 8 sq.)<sup>4</sup>.

A primeira passagem para o espaço público, presumivelmente, terá ocorrido a 24 de Fevereiro de 1921, no aniversário natalício de Teófilo Braga, quando a jovem foi “escolhida [pelos colegas] para lhe ler uma mensagem”. O lhano preto sensibilizou Teófilo Braga, que “ficou radiante”, escreveu Júlia Cunha no *Diário*.

Outros aparecimentos seguiram-se. Em 1922, assinalou-se o 50.º Aniversário do Magistério de Teófilo Braga e Júlia Cunha lê, em 24 de Fevereiro de 1922, a “Mensagem dos alunos dos Cursos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa”, que abre o livro, oportunamente editado, 50

---

<sup>3</sup> No ASCR-CQ só se encontram dois livros que assinalam essas dádivas: um, é de João Grave, *Cruel Amor* (Porto, Livraria Chardron de Lelo & Irmão, 1920), dedicando-o Autor a Teófilo Braga, conforme dedicatória autógrafa, e que este empestou a Júlia Cunha; o outro, é de P. Janet, *A Família. Trechos de filosofia moral (extraídos por Branca dos Reis)*, também editado pela Lelo & Irmão, em 1922. A dedicatória manuscrita indica que foi oferecido por Branca dos Reis a Teófilo Braga, que, por seu lado, o legou a Júlia Cunha, em 24 de Maio de 1923, como a própria escreveu na primeira página.

<sup>4</sup> O livro de A. P. Coelho, *À Mocidade, Teófilo Braga no Ensino Público*, incluído no ASCR-CQ, foi oferecido pelo autor a Júlia Cunha, com a dedicatória: *À Ex<sup>ma</sup> Sr<sup>a</sup> D. Júlia da Cunha / Homenagem do Autor / Junho de 1922.*

*Anos do Magistério – 1872-1922. Teófilo Braga perante as Gerações Escolares de 1872 a 1922*<sup>5</sup>, onde também assina o texto “Teófilo Braga. O Mestre e Guia. Sua disciplina mental”<sup>6</sup>.

A “Mensagem” é uma expressiva saudação, que reitera que o “Venerando Mestre” é um modelo incedível de amor ao estudo, de acentuado caminho patriótico e de atividade incansável em prol da Ciência, rasgando novos caminhos ao espírito, aplanando e suavizando outros já começados a trabalhar,

sobrelevando, sumamente, a

“lucidez da inteligência”, a “forte estrutura moral” e o “rasgamento de novos horizontes, o desabrochamento de novas vistas na interpretação do fenómeno complexo que se chama vida literária.

O louvor conclui iterando um dos canónicos aforismos de Auguste Comte: *Penser pour agir; agir par affectation. Vivre pour outrui!*

O texto de Júlia Cunha, que incorpora o livro, é justificado como um “dever de gratidão” para “invocar a veneranda imagem do Mestre”, porque:

Neste momento não existe para mim o homem político, nem é do seu labor intelectual que eu quero falar; há apenas o Mestre, o meu mestre durante quase três anos, e é, pois, encarando a sua personalidade como professor que eu o recordarei.

Neste sentido, destaca que Teófilo Braga não se restringe a uma ortodoxa e cronológica exposição da História da Literatura, ultrapassa os Autores para os situar na “época em que viveram”, encarando-a na sua complexidade – “artística, filosófica ou histórica, psicológica, nacional e internacional” –, perscrutando, outrossim, as “causas determinantes das obras”. Júlia Cunha acentua as virtualidades do método de Teófilo Braga:

Generaliza ideias e expõe os assuntos, encadeando uns nos outros e procurando sempre as origens deles, de tal maneira que os seus alunos podem obter, nas suas aulas uma cultura geral.

Contudo, levanta uma interpelação pertinente:

E se considerarmos a Literatura como arte, por que razão não havemos de considerar pertencente a esta cadeira [História da Literatura Portuguesa I e II] tudo quanto artístico ou que de qualquer modo defina um gosto estético?

<sup>5</sup> O exemplar que consta no ASCR-CQ, foi oferecido por Teófilo Braga: *À Ex<sup>ma</sup> Sr<sup>a</sup> D. Júlia Cunha / Dilecta Discípula / Off. Teófilo Braga*. No exemplar, Júlia Cunha anotou a lápis as gralhas e as palavras incorretas.

<sup>6</sup> O manuscrito (ou cópia?) do texto, escrito em Lisboa, em Junho de 1922, faz parte do ASCR-CQ.

Júlia Cunha procurava construir a sua filosofia, ou “razão poética” – como reação à candura de uma juvenil e fácil inspiração poética –; na verdade, Teófilo Braga, nas suas lições, cooperava nessa instigante demanda, já que o Professor (como enfaticamente frisa a pupila)

... nos falava do seu trabalho intelectual, da elaboração das suas obras e de como certas ideias lhe foram surgindo e germinaram, e desta forma ia ensinando o aluno a trabalhar, a ocupar o seu espírito e a empregar a sua atividade.

O permanente recurso, acionado pelo Professor, à sua própria biografia é a ilustração da interrompida busca do conhecimento, subjugando – através do uso metódico de uma escrita polígrafa – as vicissitudes da existência, sem escamotear os contextos (e os tempos) da terrena condição, ou, dito de outro modo, que a história não termina em nós. É com indisfarçável emoção, e afetividade, que Teófilo Braga, manifesta a sua total disponibilidade para “orientar e desenvolver os conhecimentos” de qualquer aluno que “dele se abeirasse”, patenteando uma impar benevolência, uma admirável capacidade de escuta – contradizendo, segundo Júlia Cunha, a imagem de vingativo e de um “coração só com fel” –, e um invejável senso para encorajar os seus alunos que “por livre vontade se entreguem ao estudo e aprofundem questões que lhes interessem”, porque se “obrigados por professores severos e ásperos estudam contrariados as lições, de que pouco depois não sabem nada.” Júlia Cunha, citando estrofes de sonetos, que Teófilo Braga regularmente lhe enviava, ressalta que:

É no convívio intelectual entre o professor e o aluno que este aprende muito mais e com maior dedicação se entrega aos seus estudos e não é por esse facto que deixa de respeitar ou tratar com veneração o seu diretor espiritual.

O “obscuro testemunho” (como Júlia Cunha conota o seu texto) é, ainda, um libelo para que definitivamente se ponham de lado “os ódios e vinganças”, fazendo-se um esforço para se centrarem “no homem, que tanto trabalhou e tão grande impulso deu às Letras pátrias”. Neste ponto de vista, colige diversos testemunhos que acentuam o contributo teofiliano para a “demolição do velho edifício mental”.

Em suma, Júlia Cunha, neste texto, pretendeu compor o transparente “reconhecimento para o que foi e é verdadeiramente o meu Mestre, pois me orientou os passos na vida de estudos e me deu um grande impulso intelectualmente.”



Figura 2 – Teófilo Braga e os seus alunos, em 20 de Maio de 1922, na Faculdade de Letras de Lisboa. Júlia Cunha encontra-se à direita de Teófilo Braga. Fonte: ASCR-CQ.

Ainda, e nesse ano, Júlia Cunha associa-se às *Bodas de Ouro*, com dois géneros textuais.

Um, é um depoimento, escrito em Lisboa a 21 de Março de 1922, em que glosa a sua valoração distintiva de Teófilo Braga:

Aqueles, que se aproximaram do Dr. Teófilo Braga, que, compreendendo a sua intelectualidade, recorreram ao seu saber pedindo-lhe uma orientação na carreira das letras e com o professor mantiveram uma comunhão espiritual, tiveram nele sempre o mais desvelado mestre, o amigo mais desinteressado e o mais carinhoso mentor.

O outro escrito é um soneto dedicado “Ao Dr. Teófilo Braga”, assumindo-se como uma parábola sobre o seu *ethos* intelectual:

Qual peregrino andando vacilante,  
 Em países longínquos, estrangeiros...  
 Aqui, sofrendo dutos cativos  
 Ali, tendo obstáculos diante...  
 Assim eu caminhava vagueante,  
 No campo da Ciência, e aos outeiros  
 Da Arte, resplandcentes e fagueiros,  
 Eu subia sentindo-me hesitante!

E esse horizonte até aí ignorado,  
 Me foi com interesse desvendado,  
 Por *Alguém*, que os meus passos tão incertos  
 Encaminhou, na estrada negra, escura  
 E que eu agora trilho mais segura  
 Embrenhando-me até pelos desertos

Em 1923, acontece uma outra circunstância fáctica com a apresentação da dissertação, para obtenção do grau de licenciada em Filologia Românica, intitulada *Relações de Filinto Elísio com as duas irmãs reclusas de Chelas* Júlia Cunha recupera uma problemática da Literatura Portuguesa cara ao Mestre (cf., *Teófilo Braga e Inocêncio Francisco da Silva* (1928), pp. 59 sq.), e estabelece a síntese dos estudos, entretanto, realizados sobre a questão, o que, na restrita esfera académica, se afigurou importante; já, e considerando o plano pessoal, poderemos arriscar (meramente como hipótese) que o texto é uma metonímia sobre a sua relação de amizade com Teófilo Braga, como ação naturalmente humana.

Em Janeiro de 1924, a relação chega à prevista cessação com a morte de Teófilo Braga. Em Fevereiro, constitui-se a Comissão Teófilo Braga (Pacheco (1924), pp. 99-100), que, prontamente, endereça convites para colaboração num volume de preito ao Mestre.

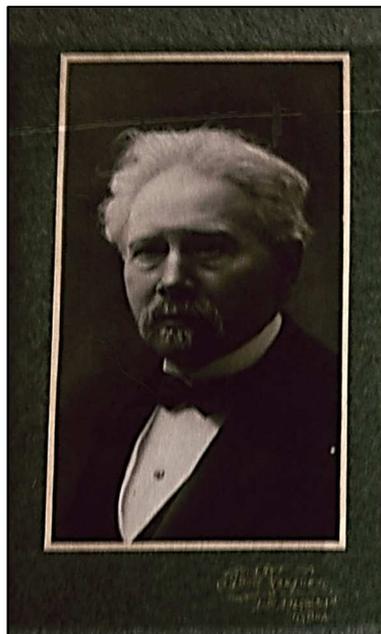


Figura 3 – Fotografia oferecida por Teófilo Braga a Júlia Cunha em 21 de Outubro de 1923. Fonte: ASCR-CQ.

Júlia Cunha aderiu, respondendo, do Porto, em 18 de Setembro desse ano:

Doente, e rodeada de doenças, impossível me foi obter disposição para escrever um pouco acerca de Teófilo Braga, no seu papel de professor e guia intelectual dos alunos que dele se aproximaram. Apenas pude à pressa e imperfeitamente, apresenta-lo como meu Mestre.

Embora o meu trabalho fique muito aquém da seleta colaboração que brilhará no “In Memoriam”, não deixo de o enviar porque me é sumamente agradável aproveitar todas as ocasiões, que me apareçam para consagrar o Mestre, contribuir para o levantamento da sua memória e patentear a minha gratidão.

Agradecendo a gentileza do convite fico sempre ao dispor para tudo o que, neste sentido, eu possa fazer.<sup>7</sup>

O texto, enviado para o *In Memoriam*, intitula-se “Teófilo Braga, Meu Querido Mestre”, contudo, vicissitudes, de vária ordem, ditaram que a obra só tivesse o prelo em 1934 (*In Memoriam* (1934), p. 513), o que, jamais, obscurece a razão da sua génese como duplamente profunda: por um lado, é um escrito que envolve o lado visível da relação com Teófilo Braga; e, por outro lado, Júlia Cunha, apresenta a correspondência que, desde 1920 até 1923, trocou com Teófilo Braga, por meio de passagens escolhidas das suas respostas, rememorando um universo mais tranquilo, silencioso e solitário.

---

<sup>7</sup> O rascunho (ou cópia?) da missiva está no ASCR-CQ.

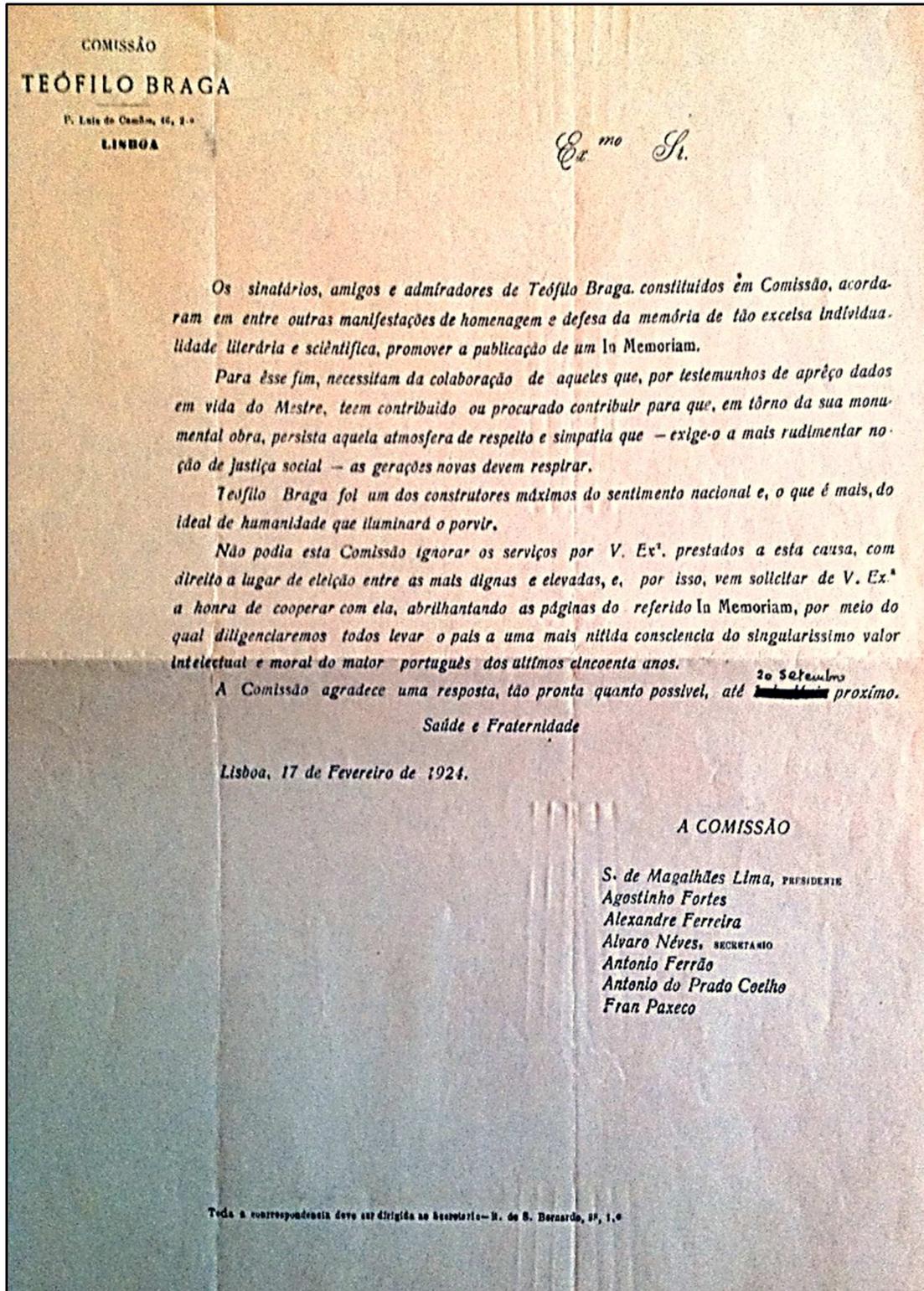


Figura 4 – Convite da Comissão Teófilo Braga (1924). Fonte: ASCR-CR.

Júlia Cunha anteviu que tinha chegado o instante de evidenciar os momentos secretos – como alusão ao caminho percorrido –, reservando-se a burilar o que já tinha sentido no *Diário* (como nos

textos entretanto publicados), perseverando, com denodo, em vincar que foi “uma das suas últimas alunas, em cujo espírito permanecerá a dedicação e o reconhecimento por quem foi o seu guia literário e pai espiritual.” Na sua mente tem presente o dia em que foi “apresentada” a Teófilo Braga e como, após essa oportunidade, o “convívio intelectual” foi uma quotidiana “lição reveladora para aqueles que o têm amesquinhado”, sobretudo porque eram “lições mais proveitosas que se pode imaginar”, que a guiaram na “senda das letras”, e, por intermédios de “lições práticas”, Teófilo Braga, convenceu-a que “era capaz de vencer várias dificuldades de certas empresas literárias”, potenciando “o meu especial amor pela poesia”. Júlia Cunha, prepositivamente, reitera a sua gratidão a Teófilo Braga pelo “impulso e orientação na carreira das letras, e interesse e carinho no trato e no convívio como professor”, singularizando, com empatia:

Pela narrativa dos seus [Teófilo Braga] estudos me fez saber como os conhecimentos são absorvidos, cavalgando uns nos outros, e como após uma digestão cerebral eles vão surgindo nítidos, ordenados, conexos, mostrando-nos certos problemas como evidência, e por vezes espontaneamente, e fazendo-nos sorrir das dificuldades que tivéramos.

Júlia Cunha preserva, do magistério de Teófilo Braga, que é pela história da “elaboração das obras” e da “vida afetiva” que se alcança a “elevação completa” sustentada numa “disciplina filosófica”, não deixando de evidenciar o desabrochar de uma vivida cumplicidade intelectual – “colaborando assim nas suas obras ia-me tornado intima delas e ia aprendendo a trabalhar” – e, finalizando o seu testemunho, revive a “última visita” ao seu Mestre, em Novembro de 1923, como uma admirável lição de vida: o ancião desafiava estoicamente o tempo, alimentando, sem agonia, o sonho de “durar mais quatro ou cinco anos” para acabar os seus “projetos”.

### **Palavras tecidas em silêncio**

A intimidade das infinitas coisas ditas, desde 1920, manifesta-se cintilante, em 1924, como comunicação onde as distâncias são vencidas, indiciando a natureza das relações e o mundo dos afetos, construído no papel.

Em dezassete cartas – sete em 1920; quatro em 1921; duas em 1922, e quatro em 1923 –, Teófilo Braga responde, com conteúdos e estilos de economia variável, à sua discípula, constituindo, esta epistolografia, uma instigante cadência biográfica, que transcende o meramente circunstancial: o vitalismo de Teófilo Braga com o despontar de Júlia Cunha, entrança-se com o discorrer sobre temas de literatura, numa ambiência afetiva, eivada de emoções e sensações.

Ao longo das missivas, Teófilo retribui as convocações de Júlia, aconselhando, opinando, expondo as suas conceções e discorrendo, sem qualquer embaraço, sobre os seus planos intelectuais:

patenteia um grande entusiasmo pelos fulgurantes progressos da jovem, e, neste processo de formação de uma vocação, recomenda-lhe a leitura de alguns autores que se lhe afiguram como capitais, como Flaubert – “A leitura do romance *Madame de Bovary* há-de lhe revelar que todo o génio de Eça de Queirós foi iluminado por esta obra” (Carta de 21.4.1921) –, como Goeth, ou como M<sup>e</sup> AcKermann; não esconde a sua gratidão ao saber que Júlia está a ler alguns dos seus livros, em particular os de poesia – não deixando de referir “o espírito de benevolência com que tanto me exalta” (Carta de 18.8.1922) –, aproveitando para lhe referir que a sua poesia é um “grande labirinto”, não obstante, nela transparecer um “fio condutor” (Carta de 18.9.1920), e enfatizar que:

É esta a verdade em que se torna mais necessária uma disciplina mental, em que o Sentimento, o Pensamento e a Ação se conjuguem entre si sobre a presidência do Sentimento (Carta de 12.8.1922).

Numas missivas discorre sobre as relações humanas – desde as situações relacionadas com o seu percurso como germe de sentimentos contrastantes até ao lamento: “ (...) sei do valor que tem a sociabilidade que me vai faltando” (Carta de 6.1.1923) –; sobre a simpatia como uma virtude cardeal do professor capaz de desencadear a comunhão – ou “relações intelectuais” – com os discípulos, e critica ferozmente a “desumanização dos sábios”, socorrendo-se do exemplo de Haeckel; noutras cartas, reage nostálgico referindo o “estado moral da recordação da morte de sua mãe” (Carta de 19.8.1920) ou a “sua última carta trouxe-me um raio de sol da mocidade, que me vai alentar nesta região hiperbórea dos meus 77 anos” (Carta de 18.9.1920), como ainda “respirar a atmosfera da poesia”, contemplando os quadros de Silva Porto (Carta de 31.7.1923), mas, destas conversas, sobressai sempre que a Literatura é um método de conhecermo-nos e de reconhecer o outro, e os outros (Cartas de 16.8.1921 e 18.9.1922), além do pedido: “ (...) não se esqueça da poesia” (Carta de 2.8.1921).

#### *A uns dezoito anos*

Dezoito anos! aladas primaveras  
 De adolescência cariciosa e mansa!  
 Estrofes dum idílio de esperança,  
 Matizado de sonho e quimeras!

Vão deslizando entre ilusões sinceras  
 Num céu azul onde o porvir se alcança!  
 São pombas mensageiras de bonança

Anunciando felicidades veras!  
 Dezoito anos! e cada um que passa,  
 Mais acentua a gentileza e garça,  
 Sublimando um ingénuo sentimento:  
 Com a revelação de um do Oculto,  
 Que leva o poeta a adoração e culto  
 E ao ateu ajoelhar ao Sacramento!...

“A uns dezoito anos”, ilustra o ritual de Teófilo Braga incluir em cada epístola um soneto – “Não me esqueço do Álbum de Ilva para o qual espero mais emoções “ (Carta de 2.8.1921)<sup>8</sup> –, correspondido, com frequência, por Júlia Cunha em versos decassilábicos ou alexandrinos.

Os problemas de visão limitam severamente Teófilo Braga na prossecução dos projetos – “recorri a discípulos que realmente supriram a minha impossibilidade” (Carta de 28.12.1923) – que jorram impetuosos na entrada da “estrada dos 80”: escrita de um “romance filosófico “ sobre Uriel da Costa; “recapitulação” da *História da Literatura Portuguesa*; “publicação” do *Romantismo*<sup>9</sup>; “novo livro” sobre Camões, e um “estudo” sobre Alexandre Herculano. Nestas andanças editoriais, Teófilo Braga está ansioso pelo início do “50º ano do meu magistério e sucessivamente a véspera da entrada triunfal nos 80 anos” (Carta de 14.9.1921) e pela publicação do respetivo livro comemorativo que “contém o testemunho de simpatia que me confessam os meus alunos”, porque é um “documento de enorme valor moral”, dado que “nenhum professor até hoje [1922] alcançou um título de tanta eloquência e significação” (Carta de 24.7.1922), não se olvidando de um manifesto desejo: “ (...) não se esqueceu do nosso projeto da tradução do *Amadis de Gaula*?” (Carta de 28.8.1920)

---

<sup>8</sup> Em 1926, Agostinho Fortes concedeu ao repórter Eduardo Frias (1926, pp. 18-19), da revista *ABC*, uma entrevista em que discorre sobre o tema do amor – ou “da presença da graça e beleza femininas como fonte de todas as sensações estéticas” – na poesia de Teófilo Braga como uma “modalidade da sua vida mental”, sinalizando “algumas” das suas “paixões”, onde se incluía a “Ilva das suas mais apaixonadas epístolas amorosas, a última Musa inspiradora dos seus versos”, referindo-se a Júlia Cunha. Agostinho Fortes encerra a conversa, divulgando dois sonetos – um dos quais, “A uns dezoito anos” reproduzimos neste texto –, explicitando: “A obsequiosidade desta última senhora, que consagra à memória de Teófilo Braga o mais enternecido culto, devo o poder dar a públicos dois soneto inéditos, que fazem parte duma coleção de cerca de vinte que essa senhora possui e lhe foram consagrados pelo Mestre e amigo”. No exemplar que se encontra no ASCR-CQ, Júlia Cunha apontou na capa: *Artigo sobre Teófilo Braga / Dois sonetos da minha coleção*.

<sup>9</sup> Em algumas cartas detalha o atribulado processo de impressão do livro, referindo-se sempre com deferência à “Casa dos Lelos”.

### Uma nota para finalizar

Esta documentação autobiográfica permite aceder à vida comum, num estabelecimento de ensino superior, matizando (num grau infra) a relação entre um professor e uma aluna, exclusivamente narrado nessa singularidade.

O contexto é marginalmente captado, emergindo a valorização *in extenso* de um só professor – de um só ser humano, na sua distinção como na sua fragilidade –, sobrestimando as qualidades maiêuticas e relacionais como Professor, mas sobretudo como Mestre.

Nesta relação, Júlia Cunha, valoriza o excepcional – refletido no uso de adjetivos e substantivos com uma forte carga afetiva –, e expurgando o que possa impedir que essa relação se reinvente – os prudentes silêncios sobre os ataques *ad hominem* ou as dolorosas polémicas académicas são reveladores –, cria um espaço referencial de modelação de uma relação humana, capaz de manter vivo o diálogo com o outro e consigo mesmo, enquanto processo de formação e de identificação – ou de construção do eu –, podendo, nesta vivência, a Literatura (como exercício de leitura e de escrita) ter sido, por antonomásia, o intenso pretexto.

Sinais, poucos ou quase nenhuns, nos dá, Júlia Cunha, sobre o ensino ou sobre as práticas pedagógicas, ou sobre a sua vida estudantil, ou sobre outros quotidianos da Faculdade de Letras; só capta essa vinculação, na íntima e híbrida memória – denotada pela máxima amplitude semântica dos termos usados –, como elogio da conversação enquanto forma de transmitir conhecimentos e valores.

Estes traços constituem uma peça para um mosaico da micro história da formação dos professores, tanto na sua subjetividade, como na sua complexidade psicológica e social

O destino quis que Júlia Cunha enveredasse pelo magistério, cultivando dentro de si – em obscuridade e em segredo – a memória de Teófilo Braga, seu “Guia literário” e “Pai espiritual”.

Este é o singelo tributo de uma *Dileta* aluna ao seu *Mestre*!

### Fontes

Associação dos Amigos do Solar Condes de Resende – Confraria Queirosiana : “Núcleo documental Teófilo Braga coligido por sua aluna Júlia Cunha”

**Referências Bibliográficas**

- 50 Anos do Magistério – 1872-1922. *Teófilo Braga perante as Gerações Escolares de 1872 a 1922* (1922). Lisboa: Instituto Teofiliano.
- Batalha, L. (1938). *Teófilo Braga. Apontamentos Biográficos*. Porto: Ed. Pensamento.
- Bodas de Ouro no Magistério – 1872-1922* (s.d. [1922]). Porto: Livraria Chardron de Lelo & Irmão.
- Carvalho, A. (2010). Teófilo Braga, literato da República. *Biblos*, VIII, 207-214.
- Coelho, A. P. (1922). *À Mocidade, Teófilo Braga no Ensino Público*. Lisboa: Tip.do Comércio.
- Compagnon, A. (2008). *Para que sirve la literatura?* Barcelona: Acantilado.
- Cunha, J. (1922 a). “Teófilo Braga. O Mestre e Guia. Sua disciplina mental”, em *50 Anos do Magistério – 1872-1922. Teófilo Braga perante as Gerações Escolares de 1872 a 1922*, pp. 225-230.
- Cunha, J. (1922 b). Depoimento – “Aqueles, que se aproximaram do Dr. Teófilo Braga...”, em *Bodas de Ouro no Magistério – 1872-1922*, p. 20.
- Cunha, J. (1922 c). “Ao Dr. Teófilo Braga” (Soneto), em *Bodas de Ouro no Magistério – 1872-1922*, p. 20.
- Cunha, J. (1923). *Relação de Filinto Elísio com as duas irmãs reclusas de Chelas*. (Dissertação para o exame de Licenciatura em Filologia Românica, dactiloescrita). Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.
- Cunha, J. (1934). “Teófilo Braga, Meu Querido Mestre”, em *In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, 1843-1924*, pp. 241-250.
- Dores, Hugo Gonçalves (2008). *A História na Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1930)*. (Mimeo., dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa.
- Fortes, A. (1923). Teófilo Braga. Modelo de civismo e exemplo a seguir, grandemente útil e verdadeiramente digno. *Boletim do Instituto de Educação Cívica*, 3-5, 4-7.
- Frias, E. (1926). Teófilo Braga, amoroso. *ABC*, 288, 18-19.
- Ginzburg, C. (2013). Nos mots et les leurs. Une réflexion sur le métier de l'historien, aujourd'hui. *Essais - Revue interdisciplinaire d'Humanités*, numéro Hors série, 191-210.
- Ginzburg, N. (2017). *Las pequeñas virtudes* (9ª. reimpresión.; ed. original: 1967). Barcelona: Acantilado.
- In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, 1843-1924* (1934). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Nascimento, A. A. (2013). *Os estudos das Letras, caminhos para a Sabedoria: evocação do 150.º aniversário da Faculdade do Curso de Letras de Lisboa por D. Pedro V*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa.
- Pacheco, F. (1924). *Cartas de Teófilo Braga (com um trecho autobiográfico do Mestre e duas ‘confissões’ de Camilo)*. Lisboa: Portugalia.
- Sarmento, O. M. (1925). *Teófilo Braga (Notas e Comentários)*. Lisboa: Tip. Da Imprensa Lucas & C.ª.
- Tavares, Lúcia Fernanda Rodrigues (2009). *Curso Superior de Letras: Inventário*. (Mimeo., dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa.

*Teófilo Braga e Inocêncio Francisco da Silva. Correspondência entre o historiador e o bibliógrafo da literatura portuguesa.* Anotada por Álvaro Neves. Notícia preliminar do prof. A. do Prado Coelho (1928). Coimbra: Imprensa da Universidade.

## Apêndice

### Colaborações nas obras de homenagem a Teófilo Braga

Entre 1922 e 1934 foram editados três livros de Homenagem a Teófilo Braga: *50 Anos do Magistério – 1872-1922. Teófilo Braga perante as Gerações Escolares de 1872 a 1922* (Lisboa, Instituto Teofiliano, 1922), *Bodas de Ouro no Magistério – 1872-1922* (Porto, Livraria Chardron de Lelo & Irmão, s.d. [1922]) e *In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, 1843-1924* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1934), inicialmente com prelo previsto para o ano de 1924, mas situações diversas ditaram que só fosse possível ser editado 1934. Estes três volumes são a expressão de investimentos simbólicos, de distinta natureza, que têm como padrão convergirem para a consagração do ímpar percurso intelectual e cívico de Teófilo Braga.

Nos *50 Anos ...*, está plasmada uma “homenagem dos cursos”, da Faculdade de Letras de Lisboa, onde alunos e professores dedicam ao insigne e decano professor Teófilo Braga, depoimentos, testemunhos, estudos críticos, e ensaios em que distinguem a sua faceta de professor, realçando também o incontornável percurso no campo dos estudos da História da Literatura. Em *Bodas de Ouro ...*, “amigos e discípulos”, ombreiam na recolha de pensamentos que expressem, por um lado, a ação pedagógica de Teófilo Braga, realçando o pioneirismo no estabelecimento de uma disciplina científica, como ainda a influência que os seus estudos tiveram em círculos espanhóis, italianos e franceses, demonstrando-se desse modo a pertinência do contributo teofiliano para os estudos literários; e, por outro lado, naturalmente realçam o impacto político da pioneira adesão às ideias republicanos de Teófilo Braga e a influência que manteve na formação política de várias gerações. Finalmente, o *In Memoriam ...*, é o produto do labor da Comissão Teófilo Braga (constituída por portaria de 24 de novembro de 1924) com o desígnio de prestar uma “homenagem nacional” ao “glorioso polígrafo português”, congregando admiradores, amigos, colegas e discípulos, com robustas trajetórias de afirmação no campo político e intelectual, que inequivocamente manifestassem o reconhecimento pelo legado de Teófilo Braga.

No seu conjunto, mais de cem colaborações nacionais e estrangeiras, demonstraram o capital reconhecimento a Teófilo Braga, que ultrapassa barreiras epistemológicas e as diferentes

sensibilidades republicanas. Em *50 Anos ...*, contabilizam-se 21 colaborações exclusivamente nacionais, das quais uma é feminina; nas *Bodas de Ouro ...*, as colaborações ascendem às 30, das quais 11 são estrangeiras e 19 nacionais, destacando-se nestas a participação de cinco mulheres; no *In Memoriam*, 54 nomes celebram Teófilo Braga, 5 estrangeiros e 49 nacionais, salientando-se sete mulheres.

Em síntese, neste brevíssimo apontamento, pretendeu-se sinalizar que estes três livros são expressão de círculos de sociabilidade, gerados em vários contextos e tempos, que ultrapassando os efeitos geracionais, e mesmo querelas académicas, políticas e institucionais, revigoram uma memória (ou identidade) axiológica e científica em torno das trajetórias biográfica e bibliográfica de Teófilo Braga. Na tabela seguinte, apresentam-se os nomes dos intervenientes (os nomes femininos estão grafados em itálico e a colaboração estrangeira está sublinhada) nos títulos referidos.

<b><i>50 Anos do Magistério – 1872-1922. Teófilo Braga perante as Gerações Escolares de 1872 a 1922 (1922)</i></b>	<b><i>Bodas de Ouro no Magistério – 1872-1922 (1922)</i></b>	<b><i>In Memoriam do Doutor Teófilo Braga, 1843-1924 (1934)</i></b>
<b><i>Júlia Cunha</i></b>	<b><i>Júlia Cunha Madalena Prieto Maria Clara Correia Alves Paulina Luisi Teresa Leitão Barros</i></b>	<b><i>Alice Moderno Ana de Castro Osório Carmén de Burgos Júlia Cunha Julieta Ferrão Maria Clara Ferreira Alves Sabina Camões</i></b>
<b>A. do Prado Coelho Agostinho Fortes Albano Coutinho António Ferrão Borges Grainha Caldas Cordeiro Cristóvão Aires Elói do Amaral Fernandes Agudo Fernando Reis Ginestal Machado João A. da Fonseca Júnior Joaquim de Araújo Ladislau Batalha Pedro Fernandes Rui Dâmaso Silva Bastos Teixeira Bastos</b>	<b>A. do Prado Coelho Agostinho Fortes António Serras Pereira Aurélio da Costa Ferreira Carvalho Neves Cruz Magalhães Fernão Boto Machado João Grave José M. Cordeiro Júlio Brandão Magalhães Lima Maier Garção Marques Braga Tomás da Fonseca</b>	<b>A. do Prado Coelho A. Gonçalves Agostinho Fortes Alberto Brandão Albino Forjaz Sampaio Alfredo Cunha Álvaro Neves Álvaro Neves António Cabreira António Ferrão António Serras Pereira Archer de Lima Armelim Júnior Cândido de Figueiredo Carlos Leme César da Silva Cruz de Magalhães Elói do Amaral</b>

<p>Tomás Noronha Xavier da Silva</p>	<p><u>A. Pigiwer</u> <u>Eduardo Juliá Martinez</u> <u>Fernado Lozano</u> <u>Francesco Consentini</u> <u>Gabriel Alomar</u> <u>Gabriel Séailles</u> <u>Gilberto Beccari</u> <u>Guiseppe Leti</u> <u>J. Roaz Rosa</u> <u>Pere Corominas</u> <u>Philéas Lebesque</u></p> <p>Telegramas de adesão: Afonso Costa, Agostinho Jorge Silva, Alberto Pimentel, Alberto Vidal, Almeida Ribeiro, Alves dos Santos, Augusto Casimiro, Câmara Reis, Ginestal Machado, Hernâni Cidade, João da Silva Correia, João Damas, João de Barros, Júlio de Oliveira, Leite de Vasconcelos, Nunes Loureiro, Queiroz Veloso, Rodrigo</p>	<p>Eugénio Carré F. Noronha Fernandes Agudo Fernão Boto Machado Fran Paxeco Gomes de Carvalho Henrique de Campos Ferreira Lima Henrique Marques J. Betencourt Ferreira J. Cardoso Gonçalves Jaime Magalhães Lima Ladislau Batalha Luís Cebola Luís Chaves Maier Garção Manuel de Sousa Pinto Marques Braga Melo e Simas Nogueira de Brito Rebello de Betencourt S. de Magalhães Lima Saavedra Machado Severo Portela Tomás da Fonseca</p> <p><u>Fernando Lozano</u> <u>J. Roaz Rosa</u> <u>Pere Corominas</u> <u>Philéas Lebesque</u> <u>Ribera Rovira</u></p>
--	--	--

	<p>Rodrigues, Xavier da Silva; “Oficiais republicanos presos no presídio da Trafaria”, Academia dos Estudos Livres (Lisboa), Alunos da Escola Normal Primária de Coimbra, Alunos e Professores da Escola Preparatória de Mouzinho da Silveira (Porto), Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Câmaras Municipais de Évora, de Cascais, de Oeiras, de Penafiel, do Porto e de Viana do Castelo, Escola Primária Superior de Águeda, Grémio Lusitano – Secção Ordem e Progresso, Instituto de Viseu, Junta Geral do Distrito de Coimbra, Professores do Liceu de Santarém, Real Academia Galega (La Coruña), <i>Seara Nova</i> (Aquilino Ribeiro e Jaime Cortesão).</p>	
--	---	--